

IDENTIFICAÇÃO DE SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA ENTRE ADOLESCENTES: UMA AÇÃO NECESSÁRIA NA ESCOLA

Autor: Maria das Dores Trajano da Silva Coautores: Tatiana Cristina Vasconcelos; Joselito Santos;
Valéria de Araújo Lima
marytrajano250317@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba; Faculdades Integradas de Patos
Centro Universitário Unifacisa; Faculdades Integradas de Patos

Introdução

A depressão tornou-se um dos problemas de saúde mental de maior prevalência no mundo. Destaca-se, inclusive, que a presença de sintomas depressivos causa prejuízos à qualidade de vida dessas pessoas e seus familiares, justificando a necessidade de identificar os sintomas precocemente. É crescente o número de pesquisas que apontam altos riscos de depressão em adolescentes, o que tem suscitado um debate profícuo sobre o tema. Em média o quadro de depressão maior na adolescência ocorre entre os 13 e 19 anos, com duração de cinco a nove meses (ANICETO, 2017; GROLLI; WAGNER; DALBOSCO, 2017).

No Brasil, alguns estudos têm se ocupado da identificação de fatores de risco e proteção ao desenvolvimento da criança e do adolescente (VIEIRA, 2015), da discussão de problemas na pesquisa e implementação de programas preventivos e identificado os prejuízos acadêmicos associados à depressão entre crianças e adolescentes e recomendado ações preventivas. Entendendo os adolescentes como os jovens são interlocutores na vida e na pesquisa, estão inseridos em classes e ocupam lugares sociais, bem como reivindicam espaços na comunidade, nas instituições e nas relações, e vivenciam problemáticas que estão presentes na contemporaneidade (DAYRELL, 2003).

São sujeitos que agem no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais. Pensamos adolescência enquanto experiência que tem uma importância em si mesma, por fazer parte da constituição de sujeitos enquanto processo mais amplo, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Todo esse processo influenciado pelo contexto social, pela linguagem, pela ideologia, pela qualidade das trocas que o social e cultural de cada um proporcionam (VASCONCELOS, 2012)

Além do exposto, Lima Braga e Dell'Aglio (2013) explicam que o suicídio é uma causa de morte bastante comum entre jovens de 15 a 24 anos, sugerindo que a presença de psicopatologias pode estar vinculada a essa informação. Portanto, quando percebida uma sintomatologia depressiva em adolescentes, torna-se necessário investigar a presença de ideação suicida.

Pensando nessa problemática presente e crescente no contexto escolar, esse estudo busca criar um espaço de reflexão sobre a necessária conscientização da sociedade, dos profissionais de educação e instituições escolares, aos riscos que nosso público juvenil se depara diariamente, assim como, contribuir positivamente para um melhor entendimento acerca de como se posicionar diante de uma realidade que a cada dia afeta seriamente a vida não só dos adolescentes, mas de um público geral, pois não se pode negar o envolvimento das partes diante de situações adversas.

Defendemos que é preciso ativar os estudos em relação ao tema, pois ainda existem muitas questões a serem abordadas. Diante do exposto, o objetivo deste estudo é problematizar a importância da identificação precoce de sintomas depressivos entre adolescentes no contexto escolar.

Metodologia

Trata-se de um trabalho de revisão narrativa, com abordagem qualitativa, na qual se busca problematizar a presença de depressão entre adolescentes e o papel da escola e seus atores na identificação da sintomatologia depressiva entre adolescentes como possibilidade de ações preventivas no contexto da depressão, contextualizado em um processo social e histórico, interativo e dialógico tão necessário à vida na escola como à vida da vida. A busca da literatura com o levantamento de dados bibliográficos de autores clássicos e em Bases Eletrônicas de Dados Científicos (Periódicos CAPES e Scielo). Os dados foram analisados de maneira descritiva e discutidos de forma dialógica.

Resultados e Discussão

Atualmente, é perceptível o aumento no índice de depressão maior na adolescência, envolvendo altos graus de incapacitações e mortalidade, principalmente por meio do suicídio, o que se tornou uma das indispensáveis preocupações no âmbito da saúde pública e também deve se tornar um tema central nas ações educativas. É preciso uma maior atenção para que

esses casos possam ser identificados, encaminhados e submetidos a tratamentos, como o acompanhamento terapêutico que traz resultados positivos, protegendo e impedindo as vítimas do comportamento suicida decorrente da depressão.

A partir do levantamento bibliográfico, foi possível verificar que de acordo com Zuckerbrot e Jensen (2016), os estudos têm encontrado taxas de 3 a 9% de jovens que cumprem os critérios de depressão em algum momento, e no final da adolescência, 20% desses jovens relatam uma prevalência de depressão. Em um dos estudos com estudantes do ensino médio da cidade de Curitiba-PR, usando o *Children's Depression Inventory* (CDI), Bahls (2002) verificou que 20,3% dos jovens respondentes, com idade entre 10 e 17 anos, poderiam ser considerados como apresentando sintomatologia depressiva.

Na década de 1970, a doença foi apontada como mais comum entre adultos e idosos. Atualmente observamos que essa realidade mudou, pois a depressão pode ocorrer em qualquer idade. Ainda assim, dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2008) revelaram que a prevalência de depressão entre maiores de 60 anos é mais do que o dobro daquela observada na população geral (MÁXIMO, 2010). É possível perceber que mesmo com o passar dos anos o percentual de adolescentes que apresentam um quadro de sintomas depressivos não diminuiu.

Um estudo desenvolvido por Salle et al. (2012) avaliou a prevalência de sintomas depressivos em 503 adolescentes com idades entre 15 e 17 anos. A partir do trabalho realizado, identificou-se a presença de critérios para depressão maior em 10,9% dos participantes, o que sugere a presença de sintomas significativos em uma parcela da amostra.

No estudo de Brochado e Brochado (2008), com objetivo de avaliar a presença e gravidade de sintomatologia depressiva, utilizando a versão BDI-II do Inventário de Depressão de Beck (BDI). A média de pontuações totais no BDI-II da presente amostra foi de 11,44, com um desvio-padrão de 9,50. As pontuações variam entre 0 e 60. O valor médio (11,44) indicou que a amostra total, no geral, não se apresentou deprimida, segundo o ponto de corte (13) citado por Beck e seus colaboradores (1996). Entretanto, é possível observar que não existe um intervalo estável da prevalência de depressão entre adolescentes. Traços como, fatores de ordem socioeconômica, características da cultura local, podem demonstrar que os jovens apresentam maior ou menor sintomatologia depressiva que em crianças, adultos e idosos (ANICETO, 2017).

Segundo Máximo (2010), diversos estudos mostram certo padrão demográfico no que se refere aos pacientes com depressão. De maneira geral, a depressão é mais prevalente entre as mulheres, independente da idade. Alguns pressupostos são colocados para tal contexto,

como maior facilidade em expor seus sentimentos, o que facilita no diagnóstico, diferenças hormonais e fisiológicas em comparação aos homens e maior prevalência da pobreza entre as mulheres (Máximo, 2010).

Quanto aos fatores de risco para depressão em adolescentes, um dos principais é a presença de depressão em um dos pais, seguidos por estressores ambientais, como abuso físico e sexual e a perda de familiares. Diversos autores (por exemplo, GARRISON, ABOU-NAZEL, NUNES ET AL., 2015) em suas pesquisas apontaram altos riscos de depressão em adolescentes como, o ambiente familiar e o desempenho acadêmico baixo. Em média o quadro de depressão maior na adolescência ocorre entre os 13 e 19 anos, com duração de cinco a nove meses.

Corroborando em relação ao tema, Germain e Mascotte (2016) realizaram uma investigação com alunos de ensino médio e identificaram sintomas depressivos e de ansiedade ao longo dos três anos do ensino médio. Em seus achados, encontraram que as meninas apresentaram mais sintomas de depressão e ansiedade do que os meninos, bem como uma associação entre uma percepção mais negativa do apoio dos amigos e da família e uma identidade vocacional menos definida. Campos, Del Prette e Del Prette (2014) já haviam investigado os fatores de risco/proteção que podem ser preditivos da depressão em adolescentes e concluíram que habilidades mais frequentes de empatia e autocontrole revelaram-se fatores de proteção, enquanto dificuldade nas habilidades de civilidade e sexo feminino mostraram-se fatores de risco.

Em outro estudo, Campos (2016) destacou que, entre os inúmeros prejuízos que adolescente com sintomas depressivos poderiam apresentar, deve ser destacadas as dificuldades de interação social, pois podem sofrer rejeições de seus pares, sentirem-se sozinhos e com um repertório comportamental deficitário.

Nossos adolescentes precisam de possibilidades para assumir responsabilidades, solucionar problemas, assim como, impor decisões diante das escolas e comunidades. É preciso defender programas que buscam ajudar e inserir adolescentes com necessidades especiais, disponibilizar programas de capacitação voltados para as famílias, que tenham um baixo custo, dando acesso a todos.

As instituições escolares precisam estar atentas às necessidades especiais dos estudantes, contribuindo no aumento da resiliência dos jovens. O Governo, juntamente aos Sistemas de Saúde e de Educação, devem implementar ações e políticas de incentivo aos jovens, como oferecer programas e campanhas de cuidados com a saúde, estudos, esportes e

lazer e também programas de prevenção aos riscos, fazendo com que a resiliência entre os adolescentes seja algo a ser desenvolvido e aprimorada.

Além disso, considera-se que programas psicoeducativos com vista às interações sociais dos adolescentes poderão contribuir com a remissão de sintomas depressivos nessa população. Inclusive, sugere-se que o treino de habilidades sociais poderá possibilitar efeitos positivos nos adolescentes e familiares envolvidos no programa.

Considerações Finais

Através dos estudos da sintomatologia depressiva em adolescentes, pode-se definir que sua existência é frequente e importante o bastante para receber atenção de clínicos e pesquisadores. É importante salientar a significância das características de cada fase do desenvolvimento infanto-juvenil, que por circunstâncias moldam as manifestações clínicas da depressão, tendo grupos sintomatológicos essenciais nas diferentes faixas etárias.

Deve-se haver um cuidado por parte dos profissionais comprometidos com crianças e adolescentes, no que diz respeito a identificação da sintomatologia depressiva. É necessário estudar a dimensão de cada caso e a utilização de outras fontes de informação, como o contato com a família, amigos e instituições escolares, para uma melhor apuração.

Por fim, sabendo-se que a estimativa de depressão aumenta a cada dia, é indispensável abordar esse assunto em estudos futuros. Aqui defendemos também a importância da construção de projetos de vida na escola, a promoção da resiliência, a criação de espaços de diálogos entre os próprios adolescentes, o desenvolvimento de projetos de Treinamento em Habilidades Sociais. Estas e outras ações podem produzir resultados satisfatórios frente a problemática da depressão numa perspectiva preventiva e de enfrentamento direto, o que pode ser levado à cabo no contexto escolar.

Referências

- ANICETO, J. G. *Resiliência e depressão entre adolescentes: um estudo correlacional*. Monografia, Faculdades Integradas de Patos, 2017.
- BAHLS, S. *Aspectos Clínicos da depressão em crianças e adolescentes*. J pediatr (Rio J) 2002;78 (5): 359-66: depressão, infância e adolescência, características clínicas, 2002.
- Brochado, F.O, Brochado, A.O. *Estudo da presença de sintomatologia depressiva na adolescência*. Revista Portuguesa de Saúde Pública Vol.26 N° 2- Julho/Dezembro 2008.

CAMPOS, J. R. *Depressão na Adolescência: Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas*. Quatro Barras: Protexto, 2016.

CAMPOS, J. R., DEL PRETTE, A., & DEL PRETTE, Z. A. P. Depressão na adolescência: habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14, 408-428, 2014.

GERMAIN, F., & MARCOTTE, D. Sintomas de depressão e ansiedade na transição do ensino secundário ao ensino médio: evolução e fatores influentes. *Adolescência e Saúde*, 13, 19-28, 2016.

GROLLI, Verônica; WAGNER, Marcia Fortes; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. Sintomas Depressivos e de Ansiedade em Adolescentes do Ensino Médio. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 87-103, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos

em 18 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.2123>.

LIMA BRAGA, L., & DELL'AGLIO, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 16, 2-14.

DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação set/out/nov/dez 2003 nº 24, 2003.

VASCONCELOS, T.C. *Jovens e Linguagem: um texto no contexto do ProJovem Trabalhador de Patos-Paraíba*. Universidade do estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação, 2012.

VIEIRA, C.S.P. *Solidão e Depressão: perspectiva temporal*. Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica no Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, 2015.